

# HABILIDADES SOCIAIS: Um Relato de Experiência de Estágio em Psicologia com Crianças

## Social Skills: A Report of an Internship Experience in Psychology with Children

DOI: 10.5935/1984-9044.2025010

Noemi Silva Regis<sup>37</sup>

Lucivanda Cavalcante Borges de Souza<sup>38</sup>

Maria Tarciana Almeida Barros<sup>39</sup>

**RESUMO:** As habilidades sociais se referem a um conjunto de classes de comportamentos aprendidas, que contribuem para que o indivíduo lide adequadamente com situações sociais. Elas constituem um aspecto importante da vida, sendo preditoras do bom rendimento escolar, cooperação e comportamento responsável. Nesse sentido, a atuação do psicólogo escolar implica promover as habilidades sociais no processo educativo. Assim, o presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a experiência de grupos de habilidades sociais com crianças do 2º ao 5º ano escolar no contexto de estágio profissionalizante em Psicologia Escolar a partir do modelo teórico das Habilidades Sociais. Foi observado, a partir dos grupos, que as crianças passaram a fazer observações práticas dos próprios comportamentos e a fazer uso de uma comunicação mais respeitosa. Desse modo, a partir deste trabalho e extrapolando seus resultados, é possível concluir que é importante trabalhar as habilidades sociais desde muito cedo, de forma preventiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Habilidades sociais; relato de experiência; estágio; crianças.

**ABSTRACT:** Social skills refer to a set of learned behavioral classes that help individuals respond adequately to social situations. They constitute an important aspect of life, serving as predictors of positive academic performance, cooperation and responsible behavior. In this sense, the role of a school psychologist involves promoting social skills in the educational process. Thus, the present study aims to describe and analyze the experience of social skills groups with children from the 2nd to the 5th school year in the context of a professional internship in School Psychology based on the theoretical model of Social Skills. Based on observations from the groups, children began to make practical observations of their own behaviors and use more respectful forms of communication. Therefore, drawing on this work and extrapolating its findings, it can be concluded that development of social skills from an early age is essential and should be approached in a preventive manner.

**KEYWORDS:** Social skills; experience report; Internship; children.

---

<sup>37</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) | <https://orcid.org/0009-0002-1525-4970> | noemi.regis@discente.univasf.edu.br

<sup>38</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) | <https://orcid.org/0000-0002-0393-0102> | luciborgespsi@gmail.com

<sup>39</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) | <https://orcid.org/0000-0002-9970-9567> | tarcianaalmeida2@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Um conceito essencial para a Psicologia, muito presente nas pesquisas, é o de Habilidades Sociais. Elas se referem a um conjunto de classes de comportamentos aprendidas pelo indivíduo e que contribuem para que ele lide da forma mais adequada e coerente com situações sociais, favorecendo um desempenho socialmente competente (Del Prette & Del Prette, 2018; Lucca, 2004). Esse, por sua vez, se refere a um desempenho qualitativamente bem-sucedido, implicando bons relacionamentos e ajuste social (Del Prette & Del Prette, 2018).

É possível observar, portanto, que as habilidades sociais constituem um aspecto importantíssimo tanto na vida adulta como também na infância. Elas são relevantes fatores de proteção, favorecendo melhores perspectivas futuras ao contribuir para uma maior capacidade do indivíduo de enfrentar situações de estresse e resolver problemas. Ademais, ter um repertório amplo de habilidades sociais é associado a um menor risco de desenvolver problemas de comportamento, como agressividade e comportamentos desafiantes (Bandeira et al., 2006; Del Prette & Del Prette, 2005; Castro et al., 2003).

Na infância, crianças com comportamentos sociais competentes obtêm consequências como amizade, respeito e status no grupo social (Del Prette & Del Prette, 2005). Somado a isso, elas possuem maior probabilidade de alcançarem bom rendimento escolar, serem cooperativas, independentes e apresentarem maior responsabilidade (Bandeira et al., 2006).

Por outro lado, um repertório deficitário de habilidades sociais é associado a prejuízos em curto e longo prazo. Esses prejuízos podem ser visualizados nos comportamentos, sejam eles externalizantes (ex. agressividade e impulsividade) ou internalizantes (ex. ansiedade e retraimento) (Valle & Garnica, 2009).

Assim, quando as crianças não têm um desempenho socialmente competente, seus relacionamentos podem ser comprometidos. Elas podem vivenciar isolamento social, falta de amigos e rejeição por parte dos pares (Castro et al., 2003).

Visto isso, Del Prette e Del Prette (2005) elencaram sete classes de habilidades sociais relevantes na infância, a saber: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, resolução de problemas e habilidades acadêmicas. Todas elas são interdependentes e se sobrepõem nos comportamentos de cada um. As sete habilidades designadas pelos autores supracitados são:

1 - *O controle e a expressividade emocional* – correspondem a habilidades cujo ponto central é o entendimento das suas emoções, o uso de estratégias para manejá-las e comunicá-las adequadamente.

2 - *Civilidade* – refere-se ao comportar-se de acordo com as regras mínimas de convivência interpessoal de uma cultura, como, por exemplo, pedir por favor e obrigado.

3 - *Empatia* - habilidade de entender o sentimento do outro, compartilhar desse sentimento e, assim, oferecer ajuda.

4 - *Assertividade* - diz respeito à capacidade de enfrentar situações, comunicando aquilo que sente, deseja e sua opinião de forma adequada.

5 - *Fazer amizades* – refere-se às competências em dirigir-se a outras pessoas e interagir com elas.

6 - *Resolução de problemas* - compete ao conjunto de ações direcionadas a tomar uma decisão diante de situações de conflito.

7 - *Habilidades sociais acadêmicas* - são aquelas que contribuem para os objetivos da educação no contexto escolar, como seguir regras e cooperar em sala de aula.

Essas habilidades podem, ou não, ser aprendidas nos diversos contextos em que a criança está inserida, como a família, vizinhança e escola. Pois, nesses ambientes, a criança tem contato com modelos comportamentais, além de serem instruídas e reforçadas sobre quais atitudes devem ou não tomar. De forma geral, esses contextos propiciam a aquisição de comportamentos sociais de uma forma mais espontânea e se esses comportamentos serão habilidosos ou não, dependerá muito da qualidade das interações estabelecidas (Del Prette & Del Prette, 2005; Casali-Robalinho et al., 2015).

No convívio escolar, o déficit de habilidades sociais nos desempenhos das crianças é algo que pode gerar conflitos e dificuldades ao longo do seu processo de desenvolvimento-aprendizagem. Desse modo, é importante que, para além da aprendizagem diária em contextos não controlados, o ensino e o treinamento sistemático das habilidades sociais possam ser realizados no contexto escolar.

Nesse contexto, destaca-se a atuação do psicólogo escolar/educacional como profissional que tem entre suas atribuições otimizar o processo de desenvolvimento-aprendizagem dos alunos (Martínez, 2003). Logo, este profissional pode promover a competência social dos educandos a partir de intervenções sobre habilidades sociais que envolvam a convivência em grupo, o respeito ao outro e a resolução de problemas pela via da não violência.

Com base no exposto, o presente artigo tem por objetivo descrever e analisar a experiência com grupos de crianças do 2º ao 5º ano, sobre o desenvolvimento de habilidades sociais, a partir do modelo teórico das Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette (2005). Este relato corresponde a um recorte das atividades práticas do estágio profissionalizante realizado em uma escola da rede particular da cidade de Juazeiro/Bahia.

## **METODOLOGIA**

### **Contexto do Estágio**

As atividades discutidas neste relato fazem parte do Estágio Profissionalizante (EP) do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, realizado entre o 9º (EP I) e 10º (EP II) períodos. Cada EP compreende um total de 330 horas, sendo 270 horas de atividades em campo e 60 horas de atividades de orientação, totalizando 770 horas para os dois períodos de estágio. O estágio em questão foi realizado entre 31 de janeiro e 20 de junho do ano de 2022 com turmas dos anos iniciais de uma escola privada, localizada na cidade de Juazeiro-BA.

A equipe de profissionais da escola era composta por professoras e estagiárias do curso de Pedagogia e Psicologia, além da coordenadora que era também psicóloga, a qual foi responsável pela supervisão de todo trabalho realizado na escola.

### **Participantes**

Participaram das intervenções 23 crianças que cursavam entre o 2º ano e 5º ano. Vale destacar que os grupos eram realizados por turmas separadamente e era composto por todas as crianças da turma, sem exceções. Das crianças participantes, todas tinham idades entre sete a 11 anos, com exceção de um aluno do 5º ano que tinha 14 anos.

### **Procedimentos**

Inicialmente, foram realizadas observações em todas as turmas para que fosse possível conhecer melhor como os alunos eram em sala e como se relacionavam. Além disso, foi conversado com as docentes sobre os comportamentos das crianças e as dificuldades que elas enfrentavam para lidar com elas. Desse modo, foi possível propor atividades que contemplassem

suas demandas. Por fim, as observações realizadas permitiram estabelecer maior contato e vinculação com os alunos.

A partir dessas observações, os grupos de intervenção sobre habilidades sociais foram elaborados, visando as demandas das turmas do 2º ao 5º ano do ensino fundamental. As atividades eram realizadas em grupo de uma turma por vez. Como exceção a isso, as turmas do 2º e 3º ano participaram juntas dos encontros devido à pouca quantidade de crianças da turma do 2º ano, como também devido ao fato das idades das crianças serem muito próximas.

Foram realizados um total de seis encontros que duravam em média 40 minutos. Eles apresentavam a seguinte estrutura: era trazido as regras de convivência no grupo, depois lembrado os conteúdos já trabalhados; eram realizadas as atividades propostas; e solicitado o feedback deles.

As atividades foram realizadas nas próprias salas de aula da turma, com todos sentados no chão em formato de círculo e com a presença da docente no local, além da estagiária.

## RESULTADOS

### 1º Encontro:

O primeiro encontro teve como tema “Entendendo as emoções e identificando suas expressões”. O objetivo deste momento foi realizar a apresentação da estagiária e das crianças participantes, estabelecer vínculo, apresentar as regras do grupo, a proposta geral dos encontros e introduzir o conceito de emoção. Assim, inicialmente, era realizada uma dinâmica de apresentação que consistia em dizer o seu nome e uma coisa que gosta, para que todos pudessem se conhecer um pouco mais. Posteriormente, era feita a seguinte pergunta disparadora: “Vocês sabem o que é uma emoção?” e, a partir disso, dava um tempo para que eles pudessem responder. Feito isso, para explicar o conceito de emoção, eram utilizados seis *emojis* feitos de emborrachado que expressavam seis emoções básicas: alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa. Então, era pedido às crianças que, uma por vez, escolhessem um *emoji*, dissessem qual emoção era aquela e relatassem alguma situação ou alguma coisa que despertasse neles aquela emoção.

Nas turmas do 2º e 3º ano (juntas), antes da realização da dinâmica dos *emojis*, foi realizada a atividade de “mímica”. Essa consistia em cada uma das crianças pensar e escolher uma emoção e, sem verbalizá-la, tentar imitá-la para que, assim, os colegas descobrissem qual era. Já nas outras turmas, 4º e 5º ano, ao invés da mímica, foi realizada mais uma rodada da atividade dos *emojis*, escolhendo outra emoção e relatando outra situação que lhe despertava aquela. Por fim, nos três grupos, a mediadora solicitava um feedback das crianças, perguntando o que eles tinham achado do encontro e o que eles conseguiram aprender.

De uma forma geral, as crianças aderiram bem às atividades e não apresentaram maiores dificuldades em realizá-las. Algo que chamou atenção foi a turma do 5º ano, em que as crianças demonstraram bastante entendimento a respeito das emoções. Isso pode ser visualizado na fala de uma das crianças no momento em que foi explicado sobre a possibilidade de sentirmos mais de uma emoção simultaneamente, e esta criança comentou sobre uma situação que lhe deixava triste e com raiva ao mesmo tempo. Desse modo, esse momento constituiu um momento de aprendizado mútuo, em que tanto a mediadora quanto as crianças puderam compartilhar e agregar conhecimento.

## 2º Encontro:

O segundo encontro tinha como tema "Autoconhecimento" e tinha como proposta promover autoconhecimento e aceitação sobre si mesmo (Gonçalves & Murta, 2008). Inicialmente, a mediadora relembra as regras do grupo e retomava os conteúdos do grupo anterior. Então, a partir dessa breve revisão, ela ia introduzindo o tema daquele momento, de forma geral, com a pergunta "quem aqui sabe o que é autoconhecimento? Alguém tem alguma sugestão?". Diante do questionamento, eles buscavam explicar o conceito baseado no repertório de informações que tinham, por exemplo, as crianças do 2º e 3º ano acreditavam que "autoconhecimento era quando a pessoa tinha um alto nível de conhecimento". A partir disso, a estagiária ia ajudando-os a reorganizar as informações para que pudessem entender o conceito.

Após escutar o que as crianças entendiam por autoconhecimento e explicar melhor este conceito, dava-se início à dinâmica preparada para o encontro. Essa atividade se dava da seguinte forma: as crianças precisavam dizer "meu nome é... uma qualidade minha é... e um defeito meu é..." (Del prete & Del prete, 2001). Ela consistia em que a criança dissesse seu nome, algo que ela identificava como uma limitação (dificuldade) e uma qualidade dela. Caso a criança não se sentisse à vontade para falar, a mediadora sugeria que ela escrevesse em um papel. Visto isso, um detalhe importante foi a mudança do termo defeito, que apesar de o nome da dinâmica sugerir que a criança falasse um defeito seu, a mediadora optou por pedir que eles falassem uma dificuldade que eles identificavam que tinham.

De forma geral, foram momentos tranquilos com todas as turmas. Não houve nenhum momento difícil de manejar, eles foram bem colaborativos e participativos, apenas uma criança do 2º ano que se recusou a participar e alguns participantes do 4º e 5º ano tiveram dificuldades em trazer uma qualidade e uma dificuldade, então, a mediadora os auxiliou, fazendo algumas perguntas, como: "o que em você ou alguma coisa que você faz que é bacana, lhe agrada, que já elogiaram?" Assim, eles conseguiram ir pensando e verbalizando a respeito. Por fim, era solicitado que eles dissessem o que acharam do encontro.

## 3º Encontro:

O terceiro encontro se dava baseado nos aprendizados dos encontros anteriores, como o que são as emoções e como elas funcionam, bem como o conhecimento que eu tenho sobre as minhas próprias emoções. O tema era "O que faço com as minhas emoções?". Inicialmente, após lembrar as regras e o conteúdo do encontro passado, a mediadora dava início à dinâmica "quando acontece (ou aconteceu) ...me sinto (ou senti) ... e então, faço (ou fiz)...", a qual consistia em pedir que as crianças falassem algo que aconteceu com elas, a forma como se sentiram diante disso e o que elas faziam diante dessas emoções desencadeadas por tal situação. A partir disso, era refletido sobre as estratégias utilizadas por eles, ensinando-lhes formas saudáveis de lidar com essas emoções e, caso elas trouxessem boas estratégias, estas eram reforçadas. Essa atividade foi realizada em todas as turmas com o auxílio de um quadro branco e pincel para que a mediadora pudesse explicar melhor o esquema situação-emoção-estratégia.

Esse encontro foi exitoso na turma do 2º e 3º e na turma do 4º ano, ficando apenas uma das crianças do 4º ano sem realizar a tarefa. Ela disse que não conseguia pensar em nada e ficou acordado dela pensar durante a semana e trazer no próximo encontro. Já na turma do 5º ano, as crianças estavam um pouco dispersas e a atividade não pôde ser concluída, muitos deles não participaram da dinâmica. Então, nessa turma, esse momento foi dividido em 2 dias para que todos pudessem participar.

Após todos darem sua colaboração na atividade, a mediadora, juntamente com as crianças, elencou estratégias saudáveis para lidar com as emoções e coisas que não deveriam ser feitas,

como bater e gritar com os outros, pois eram desrespeitosas. Dentre as estratégias sugeridas por elas estavam “respirar fundo”, “ouvir música”, “contar até dez” e “conversar com um adulto”. Já aquelas que não poderiam ser feitas eram “bater nas pessoas ou nas coisas” e “gritar”. Nesse momento, foi possível perceber que eles estavam conseguindo compreender que, para lidar com as suas emoções de forma adequada, não poderiam desrespeitar e invadir o espaço do outro, pois, como eles afirmaram, a pessoa não tinha culpa deles terem acordado irritados, por exemplo.

#### **4º Encontro:**

O quarto encontro teve como tema “Empatia”. Como nos outros encontros, a mediadora relembra as regras e o encontro anterior e, então, perguntava: “Alguém já ouviu falar em empatia?” e “Alguém sabe o que significa?” A partir disso, as crianças respondiam o que entendiam sobre a palavra ‘empatia’, e a estagiária dava-lhes as orientações a respeito. Em seguida, realizou-se uma adaptação da dinâmica “Vivendo o papel do outro”, em que consistia no facilitador narrar a situação e o papel requerido dos participantes, a saber: “os participantes têm agora o papel de uma mulher no oitavo mês de gestação que está cansada devido ao calor e à espera em pé do ônibus para ir para casa após resolver várias coisas na rua. Então, quando ela entra no ônibus, ele está lotado e, conseqüentemente, sem assentos disponíveis. O que acontece é que ninguém cede o seu lugar para a mulher (Del Prette & Del Prette, 2001).

Após isso, a mediadora explorava a situação e perguntava como as crianças se sentiam diante disso. De maneira geral, elas afirmavam que sentiam “raiva”, “tristeza”, “indignação”, “injustiçadas”. Ao serem questionadas se estivessem não no lugar da mulher, mas das pessoas sentadas, elas afirmaram que ofereceriam o lugar à mulher com toda a certeza. Avaliando esse encontro, todas as turmas colaboraram e participaram das atividades.

#### **5º Encontro:**

Já o sexto encontro tinha por tema “Resolução de problemas” e seu objetivo principal era desenvolver capacidade de enfrentar as situações problemáticas de forma construtiva (Gonçalves & Murta, 2008). Inicialmente, era explicado sobre resoluções de problemas a partir de exemplos cotidianos que, ao serem perguntados, eles mesmos iam sugerindo. Então, era realizada a atividade “Semáforo Emocional” (Stallard, 2004), a qual traz de forma animada, uma maneira estratégica de resolução baseada nas cores do semáforo de trânsito e seus significados: vermelho - Antes de fazer qualquer coisa, pense no sinal vermelho e pare, deixe que suas emoções se acalmem; amarelo - Planeje e pense sobre o que você quer dizer ou fazer e, por fim, verde - Prossiga com seu plano. Para tal, foram utilizados alguns semáforos feitos de emborrachado previamente pela estagiária e que foram distribuídos para as crianças, a fim de que elas pudessem utilizar em casa.

Com exceção da turma do 5º ano, em que foi bastante tranquilo, esse encontro acabou sendo, de forma geral, cheio de desafios. Na turma do 2º e 3º ano, ao serem solicitados exemplos de problemas que eles enfrentavam no dia a dia, foi trazido uma situação conflituosa que ocorria em sala de aula. Nesse momento, a mediadora sugeriu que aquela poderia ser uma situação a ser conversada naquele momento, visto que o tema da reunião era sobre resolução de problemas. No entanto, devido ao tempo que estava acabando, essa questão foi abordada em um momento posterior, sendo conversado em grupo e individualmente com as crianças envolvidas.

Na turma do 4º ano, esse encontro se deu de forma conflituosa. Quando os alunos foram perguntados sobre problemas que costumavam ter no seu dia a dia, disseram que o maior problema da turma era um dos colegas. Além disso, uma coisa que chamou a atenção foi que a própria criança afirmou que ele era um problema. Dessa forma, ficou evidente que a turma já o

tem como um bode expiatório quando existem situações conflituosas na sala e ele, por sinal, já aceitou esse papel. A partir desses comentários, a mediadora tentou trabalhar a ideia de que existem comportamentos que não são legais, mas que pessoas não são um problema e que, assim como o colega poderia ter um comportamento que os desagradasse, qualquer um poderia ter. Portanto, esse momento serviu como uma maneira de levá-los a refletir sobre comportamentos que poderiam ser mudados.

#### **6º Encontro:**

O sétimo encontro teve por tema “Assertividade” e seu objetivo foi trabalhar o comportamento socialmente assertivo e como identificar a melhor forma de responder a certas situações. Inicialmente, foi explicado, com utilização de recursos visuais de imagem, o que é um comportamento assertivo e o que não é (passivo, agressivo) e quais os critérios que os diferenciam. Após isso, foi realizada a dinâmica “nem passivo, nem agressivo, assertivo”, a qual consiste em apresentar situações que ilustram os três tipos de desempenho e distribuir os três cartões coloridos para cada participante, explicando que o verde deve ser levantado para indicar o desempenho assertivo, o vermelho para o agressivo e o amarelo para o passivo (Del Prette & Del Prette, 2001). Nesse caso, foram utilizadas folhas de papel escritas com os termos “assertivo, agressivo e passivo” em vez dos cartões coloridos.

De modo geral, foi possível realizar todas as atividades propostas e percebeu-se a aprendizagem das crianças sobre o tema, principalmente porque conseguiram aplicar o que foi trabalhado em exemplos práticos que eles vivenciavam diariamente.

#### **DISCUSSÃO**

Levando em consideração que as habilidades sociais se configuram como fator de proteção no desenvolvimento humano, programas voltados para aquisição ou aprimoramento de tais habilidades são de suma importância (Murta, 2005). Visto isso, a elaboração e realização dos programas incluem, a priori, um processo de avaliação dos déficits ou excessos comportamentais (Caballo, 2003). Na prática realizada, essa etapa se deu a partir da observação comportamental das crianças no ambiente escolar, bem como a partir de conversas realizadas com as professoras para que, então, fosse elaborado um plano de trabalho para aquele contexto.

A partir disso, ao longo dos encontros com os grupos, foi buscado trabalhar cinco das sete habilidades sociais relevantes na infância elencadas por Del Prette e Del Prette (2005), a saber: autocontrole e expressividade emocional, empatia, assertividade, resolução de problemas e habilidades acadêmicas. Foi possível perceber, com o passar dos encontros, que as crianças apresentavam uma maior compreensão do tema trabalhado e o aplicavam em suas relações com os colegas. Desse modo, como o conteúdo dos encontros era sequencial e interdependente, elas conseguiam compreender um conceito a partir do outro, a exemplo do conceito de assertividade, o qual envolve a empatia e a resolução de problemas.

Além disso, outro ponto relevante é que as crianças passaram, a partir dos encontros, a fazer observações práticas a respeito da execução das habilidades sociais aprendidas. Então, comentários como “Olha, você está sendo agressivo” ou “Pró, eu tive empatia por fulano e emprestei meu casaco”, eram frequentes diante dos próprios comportamentos e dos comportamentos dos colegas. Destaca-se, assim, a relevância do treino de habilidades sociais para uma autoavaliação mais positiva, aumentando a autonomia das crianças e a confiança em si próprio (Gonçalves & Murta, 2008; Rodrigues et al., 2021).

Outro aspecto importante dos encontros era que, por se tratar de um trabalho em grupo, eles se constituíam como um espaço de aprendizado mútuo. Nele, as crianças traziam para as interações conhecimentos prévios e davam suporte umas às outras. Isso pode ser visualizado em diversos momentos, sobretudo naqueles em que uma criança trazia uma questão conflituosa e os colegas davam sugestões de como ela poderia agir da próxima vez. Em situações como essa, é possível observar fatores grupais muito importantes, como o compartilhamento de informações e o altruísmo, os quais favorecem a aprendizagem (Santos et al., 2012; Yalow & Leszcz, 2006) e, na prática em questão, possibilitavam que as crianças pudessem colocar em prática habilidades como empatia e expressão adequada dos seus sentimentos.

No que se refere à relação com os colegas no dia a dia em sala de aula, foi possível notar uma maior coesão nas turmas do 2º e 3º ano e do 5º ano. De forma geral, foi possível observar um maior entrosamento entre os alunos e respeito mútuo. Isso foi visualizado, sobretudo, diante de conflitos, em que eles passaram a utilizar mais do diálogo assertivo, expondo seus posicionamentos, do que de uma comunicação desrespeitosa. Por exemplo, em um certo momento com uma das turmas, aconteceu uma confusão na aula de educação física e, com a mediação da professora, cada um foi expondo seu ponto de vista sobre o que havia acontecido com o intuito de resolver o conflito.

Já na turma do 4º ano não foi possível observar isso, visto que eles já apresentavam conflitos em sala e, mesmo com os grupos, continuavam a ter uma relação pautada na agressividade. Inclusive. Isso pode ter sido favorecido por questões das crianças que compunham o grupo ou da própria dinâmica da turma. Mas não se pode afirmar algo quanto a isso.

Essas observações evidenciam também uma limitação do presente trabalho, a falta de uma avaliação sistematizada prévia e posterior à realização dos grupos. Desse modo, se tivesse sido realizada a aplicação de pré e pós-teste, os resultados obtidos com a execução dos trabalhos em grupo poderiam ser mais exatos.

Outro aspecto limitante foi o tempo disponibilizado para execução das atividades. Os encontros eram realizados em apenas 40 minutos semanalmente, pois era o horário de aula que as professoras podiam encaixá-los. Além disso, devido às outras atividades realizadas no contexto de estágio, foi possível a realização de 8 encontros, o que dá em média 5,3 horas de prática. Se for avaliado, esse tempo pode ser considerado pouco quando comparado com as pesquisas que trazem programas de treinamento de habilidades sociais que contemplam de 8 a 20 encontros com duração de 90 minutos cada (Falcão et al., 2017; Gonçalves e Murta, 2008).

Visto isso, apesar das limitações, tais atividades se mostraram como algo novo na escola em questão. Isso foi visualizado a partir do fato de que a maior parte das crianças nunca tinha tido contato com a temática de habilidades sociais. Outra questão é que os grupos se constituíam enquanto espaços em que as crianças eram ouvidas e validadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As intervenções contribuíram como forma de abrir espaço para se pensar no papel das emoções no processo de aprendizagem. Apesar de não serem passíveis de generalização, os resultados deste trabalho trazem a reflexão sobre a necessidade de práticas voltadas à promoção de habilidades sociais em contextos educacionais. Igualmente, esse trabalho contribui para incentivar uma abordagem da educação de forma integral, levando em consideração os relacionamentos interpessoais que as crianças vão construindo.

## REFERÊNCIAS

- Bandeira, M., Rocha, S. S., Souza, T. M. P. de, Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estudos De Psicologia*, 11(2), 199–208. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200009>
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. Editora Santos.
- Casali-Robalinho, I. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2015). Habilidades Sociais como Predictoras de Problemas de Comportamento em Escolares. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 31(3), 321–330. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032110321330>
- Castro, R. E. F. de, Melo, M. H. S., & Silveiras, E. F. M. (2003). O julgamento de pares de crianças com dificuldades interativas após um modelo ampliado de intervenção. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 16(2), 309–318. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200011>
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo (1ª ed.)*. Vozes.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Editora Vozes.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2018). *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Editora Vozes Limitada.
- Falcão, A. P., Bolsoni-Silva, A. T., Magri, N., & Moretto, L. A. (2017). PROMOVE-Crianças: efeitos de um treino em habilidades sociais para crianças com problemas de comportamento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(2), 590–612. <https://doi.org/10.12957/epp.2016.29324>
- Gonçalves, E. S., & Murta, S. G. (2008). Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 21(3), 430–436. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300011>
- de Lucca, E. (2004). Habilidade Social: uma questão de qualidade de vida. *Psicologia pt*.
- Martínez, A. M. (2003). O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para sua formação. Em S. F. C. Almeida (Org.), *Psicologia Escolar: ética e competências na formação profissional* (pp. 105-124). Alínea.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 18(2), 283–291. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200017>
- Rodrigues, A. S., Feitosa, F. B., Wagner, M. F., Pedroso, R., Rodríguez, T. D. M., & Bezerra, G. S. (2021). Social Skills Training in the promotion of self-esteem in adolescents. *Research, Society and Development*, 10(2), e10710212212. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12212>

Santos, L. F., Oliveira, L. M. de A. C., Munari, D. B., Peixoto, M. K. A. V., & Barbosa, M. A. (2012). Fatores terapêuticos em grupo de suporte na perspectiva da coordenação e dos membros do grupo. *Acta Paulista De Enfermagem*, 25(1), 122–127. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000100021>

Stallard, P. (2004). *Bons pensamentos – Bons sentimentos: Manual de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes*. Artmed.

Valle, T. G. M. D & Garnica, K. R. H (2009). Avaliação e treinamento de habilidades sociais de crianças em idade pré-escolar. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. *Repositório Digital da UNESP*. <http://hdl.handle.net/11449/86652>

Yalom, I. D., Leszcz, M. (2006). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. Artmed